

## ***MILLION DOLLAR BABY: UM MARCO NA REPRESENTAÇÃO HOLLYWOODIANA DO GÊNERO NO ESPORTE***

Paula Nunes Chaves<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, Brasil

paulinha\_nunes3@hotmail.com

Allyson Carvalho de Araújo<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, Brasil

allyssoncarvalho@hotmail.com

Recebido em 14 de agosto de 2013

Aprovado em 09 de setembro de 2013

### **Resumo**

Esta resenha tem como meta apresentar o filme *Million Dollar Baby* do ano de 2004, dirigido por Clint Eastwood.

**Palavras-chave:** gênero; esporte; cinema.

### **Abstract**

#### **Million Dollar Baby: a milestone in Hollywood representation of gender in sport**

This review has the goal of presenting the film *Million Dollar Baby* of 2004, directed by Clint Eastwood.

**Keywords:** gender; sports; cinema.

O fenômeno esportivo é marcado historicamente por atrelar-se ao mundo e aos signos sociais referentes ao masculino, fato este que corrobora com as dificuldades para

---

<sup>1</sup> Discente em Educação Física modalidade Licenciatura (UFRN). Bolsista PROPESQ/UFRN. Membro do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC).

<sup>2</sup> Mestre em Educação (UFRN) e Doutor em Comunicação (UFPE). Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC).

as mulheres adentrarem estes espaços. Nesse sentido, o esporte é “[...] talvez um dos lugares mais importantes da expressão e da preservação da masculinidade sob suas formas tradicionais”, constituindo-se em uma forma de validação dessa masculinidade (DUNNING e MAGUIRE, 1997, p.323).

Contudo, assistimos atualmente a entrada e afirmação cada vez mais contundente e efetiva das mulheres no cenário esportivo mundial, mesmo este movimento sendo acompanhado ainda de uma série de preconceitos e estigmas que são produtos de um binarismo de gênero que sobrevive no seio da sociedade, relacionando o feminino à delicadeza e a leveza. Quando à mulher é oportunizada a prática esportiva observa-se uma persuasiva sedução da virilidade da mulher, como nos aponta Jaeger e Goellner (2011):

[...] Ao corpo feminino excessivamente transformado pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo são atribuídas características viris que não apenas questionam a beleza e a feminilidade da mulher, mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo (p. 959).

O processo acima apontado acaba estereotipar a mulher que opta por vivenciar, seja no âmbito do alto rendimento ou não, uma prática corporal culturalmente ligada ao universo masculino. Dunning e Maguire (1997), ao argumentarem sobre as reservas existentes para com a inserção das mulheres nos esportes, aponta que existiram práticas que inicialmente eram inaceitáveis para o feminino, como o *soccer*, o *rugby* e o boxe. Segundo os autores supracitados:

Esses esportes são esportes de combate e de contatos físicos que apelam ao mesmo tempo para a força, a agressividade e a velocidade. Isto porque eles contradizem absolutamente e diretamente as noções de feminilidade que ainda predominam e que são ideais aceitos de modo perfeitamente natural não apenas pelos homens, mas também pelas mulheres (p.340).

É justamente, ao versar sobre as mulheres nos esportes tradicionalmente masculinos, especificamente o boxe, e sobre as modificações corporais advindas deste

processo, que este texto objetiva apresentar notas desta prática corporal de raiz sexista sobre a lente do filme intitulado originalmente de “*Million Dollar Baby*”, traduzido para o português sobre o título de Menina de Ouro. Justificamos a escolha desta produção cinematográfica norte-americana do ano de 2005 pela mesma apontar o descrédito da mulher enquanto partícipe ativa do mundo masculinizado do boxe e problematizar as noções de feminilidade tradicionais.

Dirigida por Clint Eastwood, a película narra a história de Maggie Fitzgerald, uma mulher cujo sonho é tornar-se uma boxeadora profissional. A personagem principal opta por uma vivência corporal esportiva associada ao masculino e tenta arduamente ser treinada por Frank, que a recusa várias vezes por um dado biológico (ser mulher) e por estar velha para iniciação esportiva, enfatizando o boxe como um campo pertencente ao corpo jovem e masculino. Maggie na tentativa de persuadir Frank ainda argumenta afirmando: “Quem me ver lutar diz que sou durona”, reproduzindo em seu discurso a relação linear existente entre o boxe e a força/atitude brutal. Essa postura que Maggie tenta incorporar se deve a tradicional imagem de masculinidade identificada no boxe, isso porque “os pugilistas não são femininos, homossexuais, dóceis, seus gestos são típicos dos machos (um tanto grosseiros), e fundamentalmente são seres ativos. Isso é, apresenta-se um modelo de performance pública esperada para” (VAZ e MELO, 2009, p.132).

Mesmo depois de algumas recusas, a personagem principal não desiste e continua a treinar sozinha. Ela precisa provar que mesmo sendo do sexo feminino é capaz de perseverar e realizar seu sonho. A própria protagonista afirma em uma de suas falas que: “se eu tivesse juízo, desistia, mas é o que eu gosto de fazer. Eu quero um treinador, não caridades ou favores”. Depois dessa argumentação, o treinador a aceita e

dispara: “Não vai chorar agora né?”. O texto de resposta do treinador tenciona representação da figura feminina a um estereótipo sensível e frágil, caricaturas que Maggie desconstrói ao longo da trajetória da película. Frank ainda finaliza decretando que “você não fala nada, não questiona. Vou tentar esquecer o fato de você ser mulher. Mas não venha chorar pra mim quando se machucar”.

Gostaríamos de destacar que *Million Dollar Baby* pode ser considerada uma produção de marca histórica na representação do boxer na produção fílmica norte-americana a partir da percepção de um passado recente, emoldurado por filmes como os constituintes da série que narra a saga do boxeador Rocky Balboa protagonizado por Sylvester Stallone (*Rocky*, 1976; *Rocky II*, 1979; *Rocky III*, 1982; *Rocky IV*, 1985; *Rocky V*, 1990 e; *Rocky VI*, 2006). Casos como estes já nos é bastante ilustrativo para pensarmos o discurso machista e heterocentrado dos esportes e especificamente no boxe.

### **Descortinando a compreensão sexista do boxe na produção em tela**

O próprio esporte, em geral, em sua origem é uma prática social essencialmente masculina, e nesse contexto, o boxe aparece como expressão máxima dessa afinidade. Nesse sentido, é bastante comum nos filmes de boxe um pugilista enfrentar muitas dificuldades para se tornar vencedor e conquistar o amor de uma bela mulher ou ainda existem narrativas como as de Rocky Balboa que, como nos traz Araújo (2012):

[...] reafirma o protótipo do homem, forte e viril, vinculado ao esportista exemplar. Em toda série não se encontram espaços para o questionamento da figura máscula e campeã do protagonista, já a figura do feminino, tem representatividade nas produções, mas no espaço da esposa paciente, frágil e aflita que admira e apoia o boxeador. (p.72)

Pra além desta representação do boxeador, outro elemento que marca o boxe como prática masculina são os ambientes de treinamento. Isso porque o boxe é ainda comumente apresentado como típico do mundo masculino, no que diz respeito também a seu aspecto de estrutura física, ou seja, ginásios de treinamento, local sagrado da prática, arenas de competições (VAZ e MELO, 2009). Na produção analisada, Maggie é a única representante do universo feminino em meio aos inúmeros homens que transitam no espaço, como se ela fosse uma intrusa na fortaleza masculina, cujos pilares ancoram-se na condição corporal e anatômica vantajosa do homem. E ao tentar romper esse paradigma, ela sofre resistência por parte de um lutador da academia, que tenta humilhar a personagem principal, reduzindo-a a objeto de desejo dos homens.

[...] não é surpreendente que os homens tenham geralmente a tendência a se opor às tentativas das mulheres em participar ativamente de esportes que eles consideravam como uma reserva particular. Pode-se dizer, também, que à medida que o poder das mulheres aumenta, os homens utilizam cada vez mais os encontros esportivos como locais de aviltamento e de difamação simbólica das mulheres (DUNNING e MAGUIRE, 1997, p. 343).

É justamente esse caminho da difamação e violência simbólica que o lutador tenta traçar, para expressar seu descontentamento com aquela presença feminina, que treina em patamares de igualdade com os homens, e sobre a qual ele não consegue estabelecer uma relação de poder e superioridade.

O pugilismo com suas narrativas, personagens majoritariamente masculinos e ambientes paradoxais, sombrios, é considerado um esporte violento, marcado por imagens de corpos machucados, suados, sangrando, de característica extremamente brutal, distanciando a mulher, sinônimo de delicadeza, do protótipo adequado para tal prática. Nesse sentido, a imagem que segue abaixo contrasta imensamente a imagem feminina construída socialmente, e aceitável nos padrões vigentes.



Figura 01: Entre sangue e fraturas – Negação da fragilidade feminina nas práticas corporais generificadas  
Fonte: Cenas do filme *Menina de Ouro* (CLINT EASTWOOD, 2004)

Para além do choque produzido pela apreciação visual desta imagem, ao nos brindar com esta cena, o filme incita pensar na superação da dor como negação da fragilidade atrelada ao feminino. Na cena, Maggie se machuca ao lutar, quebrando o nariz, que começa a sangrar. Nesse instante Frank tenta ajustar temporariamente o nariz para que ela possa finalizar o combate. Em nenhum momento, a lutadora chorou ou reclamou da dor. Nesse sentido, Melo e Vaz (2009) identificam como elementos importantes na construção da ideia de masculinidade, inclusive por seu traço explícito e visível e por ressaltar as subjetividades, as marcas corpóreas a serem exibidas: cicatrizes, cortes, arranhões, tatuagens, mutilações. Tais marcas corpóreas são provas concretas da valentia, da luta, do desempenho, que não se adequam a caricatura da figura feminina frágil, delicada que se preocupa com a estética do corpo belo e perfeito no imaginário sócio-cultural.

Ao centrarmos a discussão na vida pessoal da personagem boxeadora, observa-se que o filme opta por não apresentar informações sobre seus desejos afetivos ou

orientação sexual. Em momento algum a personagem fala sobre relacionamentos ou pretensões futuras relacionadas a esse aspecto afetivo. Contudo, existe uma pressão por parte da mãe de Maggie com relação à definição de sua vida pessoal que fica claro na fala da mãe da protagonista, ao sugerir: “Encontre um homem pra você Maggie e viva como se deve. As pessoas ficam sabendo o que você faz e riem”.

A cena retrata que a sociedade, representada pela figura da mãe da personagem, ainda não conseguiu aceitar ou naturalizar o fato de uma mulher tornar-se boxeadora profissional como opção legítima de condição de sua vida. De acordo, com o discurso sugerido na produção, os que descentram a lógica genereficada dos esportes são motivos de preconceitos, piadas e, conseqüentemente, estranhamentos. Nesses termos, o comportamento aceitável e esperado da figura feminina é o da mãe-esposa e que tem um papel coadjuvante, quando não inexistente, no cenário esportivo.

### **Corporalidade feminina descentrada: O processo de virilização do corpo**

Maggie, a protagonista, pretende ser reconhecida porque é capaz e competente, e não desacreditada pelo fato de ser mulher. Com o desenvolvimento do treinamento, a personagem principal aprimora sua técnica, movimentação corporal, agilidade e força, bem como, desenvolve seus músculos, fazendo-a subir de categoria de peso leve para meio-médio (FERNANDES e MOURÃO, 2012, p. 102). Nesse sentido, Maggie se viriliza para adentrar no esporte, que sempre a negou por ser mulher.

É nessa lógica que, inicialmente, ela esconde seu corpo ainda “feminino” através de vestimentas de treino como calças, camisetas de manga, porque esse corpo não definido por músculos a fazia parecer frágil e não viril, em um espaço de treinamento tradicionalmente masculino, marcado pelo vigor corpóreo. Ao longo do

processo de transformação corporal que Maggie sofre devido ao treinamento forte e contínuo, seu corpo desenhado por músculos passa a ser mostrado tanto no âmbito do treino quanto de competições através de roupas menores, como shorts e regatas, que deixam as costas à mostra ressaltando seu corpo marcado por músculos, sinônimo de força e virilidade.



Figuras 02, 03 e 04: Mudança no regime de visibilidade do corpo da personagem.  
Fonte: Cenas do filme *Menina de Ouro* (CLINT EASTWOOD, 2004).

Ao pensar esse processo de mudança no regime de visibilidade do corpo de Maggie, a própria capa original do filme é emblemática ao enfatizar o corpo musculoso da personagem feminina, tendo em vista que seu rosto aparece de perfil com uma expressão fechada, existindo uma ênfase central nas suas costas e braços extremamente definidos em termos de contornos corporais e desenho muscular.





Figura 05: Músculos em evidência.  
Fonte: Cenas do filme *Menina de Ouro* (CLINT EASTWOOD, 2004)

Esse fortalecimento corpóreo é tido como inevitável e mesmo necessário tendo em vista que “aprender a boxear é modificar insensivelmente seu esquema corporal, sua relação com seu corpo e o uso que dele fazemos habitualmente” (WACQUANT *apud* FERNANDES e MOURÃO, 2012, p.103).

Ao versar sobre os estigmas da mulher no esporte Dunning e Maguire (1997) trazem um trecho de uma revista, na qual o escritor explana sobre as modificações corporais que o esporte pode causar na mulher, tornando-as anti-femininas, com destaque para a não adequação desta prática para a mulher. Em seus apontamentos

[...] A beleza do rosto e das formas é uma qualidade essencial, mas a prática exagerada de esportes externos violentos, como o *cricket*, o ciclismo, a caça montada e a caça à lontra, o *rallye-papier* e também o *hockey*, o mais odioso esporte para uma mulher, terá necessariamente efeitos anti-femininos tanto no espírito de uma moça, quanto sobre sua aparência...Que nossas moças pratiquem equitação, patinem, dancem e joguem tênis em quadra de grama ou outros jogos com moderação. Mas é bom que elas deixem os esportes de equipe e os passatempos externos extenuantes àqueles a quem estes são naturalmente destinados: os homens (p. 340-341).

Podemos acrescentar à esta listagem acima o boxe, como elemento reificado apenas na cultura ao masculina mas que, na verdade, é resultado de construções sociais do que é ideal para o masculino e para o feminino, sendo a esta última negada a possibilidade de modificar o esquema corporal rumo à virilização.

No filme, esse processo de tonificação muscular associado a uma despreocupação da personagem em mostrar-se feminina através de suas vestimentas e aparência estética (sem utilização de maquiagens ou adornos), mesmo fora do ambiente de trabalho nos faz pensar que a personagem não afirma em seu corpo, códigos de uma feminilidade tradicional. Como podemos observar na imagem abaixo.



Figura 06: A não afirmação de códigos femininos tradicionais na vida cotidiana.  
Fonte: Cenas do filme *Menina de Ouro* (CLINT EASTWOOD, 2004)

Nesse caso, os códigos convencionais e gestos delicados são substituídos por uma arquitetura corporal musculosa, construindo uma feminilidade singular, não normatizada, marcada pela virilidade de seu corpo e pelas poucas inscrições e cuidados culturalmente tidos como femininos. Corroborando com esse pensamento, Jaeger e Goellner (2011, p. 955) apontam que as práticas esportivas, desde muito tempo, tem se

constituído como espaço de identificação e expressão de feminilidades diferentes. Não sendo recente a visibilidade de corpos de mulheres que rompem com as representações produzidas culturalmente e direcionadas para o feminino.

Nesse sentido, Moura *et al* (2010) ao entrevistar uma lutadora de MMA, evidencia o discurso desta ao afirmar que a masculinização do corpo é um processo inevitável devido à intensidade alta das cargas de treinamento, e por ter esse aspecto musculoso, afirma marcadamente características femininas como fazer unhas e cabelo antes das lutas. Este discurso nos mostra a preocupação da lutadora em desconstruir o estereótipo masculinizado da mulher nestes espaços, ou seja, ela provavelmente busca na afirmação de signos culturalmente femininos, a ruptura do imaginário da dúvida para com a sexualidade da mulher esportista, reafirmando sua feminilidade tradicional em um corpo musculoso, preocupação esta que não se faz presente na película analisada.

No desenrolar da narrativa fílmica, Maggie é representada como uma mulher vencedora e eficaz em um esporte generificado como masculino. O filme quebra com o arquétipo da mulher frágil e do homem viril, de maneira que esse modelo binário já não mais se sustenta para a narrativa em questão. É nesse contexto, que *Million Dollar Baby*, descentraliza a possibilidade de que o homem é o único capaz de ser viril e atlético no boxe. Ressaltamos que o filme tenciona que o esporte pode ser visto como um espaço que possibilita desestabilizar o padrão binário dos gêneros, ao dar visibilidade, por exemplo, ao corpo de Maggie, que representa inúmeras mulheres reais, extremamente fortes e viris que disputam lutas. Este tipo de representação afirma uma nova forma de ser feminino, que desconstrói o que era aceitável até então, o que não interfere no dado biológico de ser e estar no mundo como mulheres.

### **Considerações finais**

Ao se reportar ao submundo do marginal, representado pelo feminino, o filme nos mostra para além da mulher viril, o alargamento das representações de feminilidades no cenário esportivo e legitima a possibilidade da expressão de uma feminilidade diferente e singular, não normatizada a partir da visualização do corpo da boxeadora muscularmente potencializado, cuja arquitetura e desenho corporal tencionam e desestabilizam as representações binárias e biologizadas de gênero. (JAEGER e GOELLNER, 2011, p.966).

Para além desta forma não normatizada de ser feminino, o filme nos auxilia a pensar o acesso das mulheres no âmbito de práticas corporais tradicionalmente marcadas por signos do masculino ao mostrar uma mulher com capacidades atléticas de virilidade e eficiência sendo permitida acessar um espaço forjado socialmente para pertencer exclusivamente ao homem.

Assim, acreditamos não ser errado pensar que “certamente continuam a existir os tradicionais conceitos de masculinidade e feminilidade, mas hoje eles estão em xeque a partir das novas demandas sociais e dos debates a elas correspondentes” (VAZ e MELO, 2009, p. 139). Contudo, acreditamos igualmente ser necessário pensar um modelo de sujeito esportivo multifacetado, móvel e que esta reconstruindo seus papéis constantemente.

A partir desta leitura, convidamos a todos para revisitarem, sempre que possível esta obra, que é emblemática de um período que se abre ao múltiplo. De certo *Million Dollar Baby* marca historicamente uma ruptura das narrativas dos *Blockbusters* Hollywoodianos e por este motivo os registros e reflexões que derivam da obra são legitimações do momento histórico contemporâneo.

## Referências

ARAÚJO, Allyson Carvalho. *Elementos do pós moderno na representação do esporte no cinema contemporâneo*. 2012. 153 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - UFPE, Recife, 2012.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no Esporte. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.5, n.2, p.321-348, 1997.

MELO, Victor Andrade; VAZ, Alexandre Fernandez. Cinema, corpo, boxe: reflexões sobre suas relações e a questão da construção da masculinidade. In: MELO, Victor Andrade; DRUMOND, Maurício (Orgs.). *Esporte e cinema: novos olhares*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009, p.95-143.

FERNANDES, Vera; MOURÃO, Ludmila. O discurso de feminilidade no boxe a partir da análise do filme menina de ouro. In: *ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL OBSERVATÓRIO DE MÍDIA ESPORTIVA*, São João Del Rei/MG, 2012, p.98-106.

JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. *Estudos feministas*, Florianópolis, v.19, n.3, p. 955-975, set-dez/2011.

MOURA, Diego Luz et al. Esporte, mulheres e masculinidades. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.5, n.13, p.1-22, nov/fev-2010.